

A ALEGRIA EM TEMPOS DIFÍCEIS

[ESTUDO 3 - FILIPENSES 1.12-18]

Deus muitas vezes tem propósitos ocultos em tempos difíceis. Várias cartas no Novo Testamento são chamadas de Epístolas da Prisão. Paulo escreveu estas cartas, incluindo a carta aos filipenses, enquanto estava encarcerado. O livro de Apocalipse foi escrito pelo apóstolo João enquanto estava em exílio na ilha de Patmos.⁶⁶ Foi durante os doze anos na prisão em Bedford que John Bunyan, o grande pregador inglês, escreveu mais de 50 livros, entre eles, “O Peregrino” o livro mais vendido no mundo depois da Bíblia, traduzido em mais de 200 idiomas. As prisões de nossas vidas muitas vezes podem se tornar lugares de grande oportunidade e ministério.

Paulo sabia que os Filipenses o amavam e estavam muito preocupados com seu bem-estar. Durante dois anos estivera preso em Cesaréia e agora estava preso em Roma. Consequentemente, depois dos agradecimentos a Deus e aos filipenses, Paulo escreve sobre sua situação.⁶⁷ Como veremos, sua explicação otimista tornou-se uma fonte de grande encorajamento para todos os que enfrentam momentos difíceis.

Filipenses 1.12-26 pode ser dividido da seguinte forma: No versículo 12, Paulo olha para o passado; nos versos 13-18, Paulo olha para o presente, suas circunstâncias atuais; e nos versos 19-26, ele olha para o futuro.

I. O passado - as cadeias de Paulo

“Quero ainda, irmãos, cientificar-vos de que as coisas que me aconteceram têm, antes, contribuído para o progresso do evangelho” (Fp 1.12).

A igreja em Filipos estava preocupada com a prisão do apóstolo Paulo e com a causa do evangelho (Fp 2.25; 4.10, 18). O que acontecerá com o Paulo? O que será do evangelho? Paulo, então, assegura-lhes que estava bem e que o evangelho avançava em Roma.

A palavra “progresso” (*prokope, em grego*) é um termo militar que se refere ao movimento de um exército em território inimigo.⁶⁸ Ao avançar, os soldados retiravam os obstáculos, abriam estradas e construía pontes de modo que todos os soldados pudessem caminhar sem impedimentos. Assim, a prisão em Roma, que parecia um revés, na verdade, serviu para o avanço do evangelho.

⁶⁶ Jeremiah, D. (2016). *Count it all joy: discover a happiness that circumstances cannot change*. Colorado Springs, CO: David C Cook.

⁶⁷ Motyer, J. A. (1984). *The message of Philippians* (p. 62). Downers Grove, IL: InterVarsity Press.

⁶⁸ Wuest, K. S. (1997). *Wuest's word studies from the Greek New Testament: for the English reader* (Fp 1.12). Grand Rapids: Eerdmans.

“... as coisas que me aconteceram...” (Fp 1.12).

Paulo não mencionou especificamente a sua prisão. Ele simplesmente disse “... as coisas que me aconteceram...”. O mais provável é que ele incluiu todos os eventos de sua prisão em Jerusalém até a sua prisão em Roma.

Em Atos 21, Paulo viaja para Jerusalém, colocando em risco à sua própria vida. Os judeus o acusaram injustamente de levar um gentio para dentro da área do Templo (At 21.28). Em seguida, Paulo foi severamente espancado e só não foi assassinado por que as autoridades romanas interviram e o prenderam.

Em Atos 23 Paulo foi levado diante do Sinédrio para ser julgado; Lucas declara que havia mais 40 judeus que se comprometeram em não comer ou beber até que Paulo fosse morto (At 23.12-13).

Mais tarde no mesmo capítulo, somos informados de que um sobrinho de Paulo descobriu um plano para matar o apóstolo (At 23.16-17). O comandante Cláudio Lísias chamou dois centuriões e ordenou que organizassem um destacamento de 200 soldados, 70 soldados de cavalaria e outros 200 soldados fortemente armados para escoltar Paulo até Cesaréia, cerca de 90 km de Jerusalém.

No capítulo 24, Paulo finalmente está diante do governador Félix que tinha autoridade para libertá-lo, mas em vez disso, Félix consultava o apóstolo Paulo, frequentemente, não para ouvi-lo, mas na esperança de receber um suborno. Como o suborno não foi pago, o governador permitiu que Paulo ficasse preso por 2 anos (At 24.27).

Dois anos depois, Paulo foi julgado pelo rei Agripa – quando apelou para estar diante de César, o Imperador (At 25.11; At 26.32). O tribunal concordou e Paulo foi colocado em um navio com outros presos e enviado a Roma.

Em Atos 28, depois de uma grande tempestade, o navio não suportou e naufragou. Os passageiros tiveram que pular no mar e nadar até uma ilha chamada Malta. Os nativos, com bondade incomum, acenderam uma grande fogueira na praia para que todos se secassem (At 28.2). Paulo saiu para apanhar lenha e foi picado por uma víbora (At 28.3). Os nativos concluíram que a deusa da justiça estava punindo um criminoso.⁶⁹ Imagine a surpresa das pessoas quando Paulo não esboçou nenhuma dor ou medo. Ele simplesmente sacudiu a cobra que acabou caindo no fogo, como se nada tivesse acontecido! (At 28.5).⁷⁰ Depois de três meses em Malta, o tempo mudou e Paulo e os outros passageiros embarcaram em um navio de Alexandria e finalmente chegaram a Roma.

Esse é o pano de fundo da declaração de Paulo no versículo 12: “... **as coisas que me aconteceram...**”. Paulo viu que tudo aconteceu de acordo com os propósitos de Deus: a falsa acusação, o motim, o espancamento, a prisão, as calúnias, as acusações contra seu nome, o naufrágio, a picada da víbora e sua prisão em Roma. Embora Satanás tenha se levantado contra o seu ministério, Paulo sabia que Deus estava no controle de tudo (Rm 8.28).

⁶⁹ KISTEMAKER, Simon. *Atos, volume 2*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 600.

⁷⁰ Faw, C. E. (1993). *Acts* (p. 289). Scottdale, PA: Herald Press.

Paulo teve uma visão elevada da providência de Deus. Isto é, a doutrina de que Deus está no controle de tudo o que nos acontece, seja algo bom ou ruim. É verdade que é mais fácil de aceitar a doutrina da providência quando as coisas estão indo bem, quando a família está unida, o casamento está bem, a carreira profissional vai de vento em polpa e tudo é um mar de rosas. Outra coisa é acreditar na providência de Deus quando a saúde está péssima, o casamento está por um fio, à família está em ruínas e a carreira profissional vai de mal a pior.

A partir de suas próprias experiências, Paulo queria que os crentes em Filipos aprendessem uma importante verdade: não há acidentes com Deus.⁷¹ Como José no Egito, Paulo poderia declarar aos seus inimigos: *“Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem...”* (Gn 50.20).

II. O presente - Os críticos de Paulo

A. O evangelho se espalhou entre os soldados Romanos

“de maneira que as minhas cadeias, em Cristo, se tornaram conhecidas de toda a guarda pretoriana e de todos os demais” (Fp 1.13).

Paulo era vigiado pela guarda pretoriana. Criada por César Augusto, a guarda pretoriana era composta originalmente por cerca de dez mil soldados escolhidos a dedo.⁷² Estes homens eram espalhados estrategicamente por toda a cidade de Roma para manter a paz e, especialmente, para proteger o imperador. Os soldados da guarda pretoriana recebiam salário em dobro e serviam ao exército por 12 anos, depois, ao se aposentavam com todas as honras e direitos e se estabeleciam em torno de Roma. Com o tempo, eles se tornaram uma força política poderosa, que não apenas protegia, mas também escolhia os imperadores.

Como o apóstolo Paulo poderia alcançar a guarda pretoriana, um dos grupos mais importantes de Roma? Deus, em Sua sabedoria, enviou o seu melhor homem a Roma, onde permaneceu acorrentado 24 horas por dia a um soldado pretoriano. Considerando que a guarda mudava a cada seis horas, isso significava que Paulo teve um público novo, quatro vezes por dia, 28 vezes por semana, e mais de 2900 vezes em dois anos.

“... se tornaram conhecidas de toda a guarda pretoriana e de todos os demais” (Fp 1.13).

Paulo não evangelizou apenas os soldados, mas também, as demais pessoas que viviam no pretório. Todos em Roma, que entravam em contato com Paulo ouviam falar sobre Cristo. Foi, sem dúvida, através desses homens que os membros da própria casa de César foram convertidos (Fp 4.22). Paulo não estava preso por

⁷¹ Lightner, R. P. (1985). Philippians. In J. F. Walvoord & R. B. Zuck (Orgs.), *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures* (Vol. 2, p. 650–651). Wheaton, IL: Victor Books.

⁷² MacArthur, J. F., Jr. (2001). *Philippians* (p. 61). Chicago: Moody Press.

ser um transgressor da lei. Ao contrário, ele estava em cadeias por Cristo (Fp 1.13). Paulo permitiu que os tempos difíceis se tornassem uma plataforma para o evangelho.

Com o tempo, Paulo percebeu que não estava acorrentado aos guardas; eles é que estavam acorrentados a Paulo. Somente Deus poderia pensar em algo assim.

B. Os cristãos foram encorajados a testemunhar

“e a maioria dos irmãos, estimulados no Senhor por minhas algemas, ousam falar com mais desassombro a palavra de Deus” (Fp 1.14).

O segundo resultado das circunstâncias de Paulo envolveu a igreja em Roma. Antes de sua prisão, os crentes tinham medo, ou pelo menos estavam relutantes em compartilhar abertamente sua fé.⁷³ Em sua primeira defesa, ninguém se encontrava ao lado de Paulo; ao contrário, todos o abandonaram (2Tm 1.15). No entanto, as coisas estavam mudando, o confinamento de Paulo estava fazendo o que suas circunstâncias fora da prisão nunca poderiam fazer.⁷⁴

A coragem é contagiante. Os cristãos em Roma foram persuadidos pelo exemplo corajoso e destemido de Paulo na prisão. A palavra “desassombro” (*aphobos*, em grego) significa “sem medo, corajosamente”.⁷⁵ Os tempos difíceis muitas vezes nos dão oportunidades maravilhosas para compartilhar o evangelho com os outros. Na realidade, a igreja em Roma teve duas reações diferentes. Alguns membros foram incentivados por Paulo e pregavam por amor; outros pregavam por inveja e porfia.

C. Alguns pregavam o evangelho com a motivação errada

“Alguns, efetivamente, proclamam a Cristo por inveja e porfia; outros, porém, o fazem de boa vontade” (Fp 1.15).

Antes de Paulo chegar a Roma já existia uma igreja ali. É provável que no início, certos pregadores tenham se destacado entre os irmãos. Porém, com a chegada de Paulo, e especialmente com a divulgação de sua fama por toda a cidade, certamente, esses líderes já estavam começando a perder um pouco de prestígio. Seus nomes já não eram mencionados com tanta frequência.⁷⁶ Por isso, despertou-se neles a inveja com relação ao ministério do apóstolo Paulo.

Uma das experiências mais desencorajadoras para um servo de Deus é a de ser falsamente acusado por outros crentes, especialmente os colegas de trabalho

⁷³ MacArthur, J. F., Jr. (2001). *Philippians* (p. 62). Chicago: Moody Press.

⁷⁴ Lightner, R. P. (1985). *Philippians*. In J. F. Walvoord & R. B. Zuck (Orgs.), *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures* (Vol. 2, p. 651). Wheaton, IL: Victor Books.

⁷⁵ Swanson, J. (1997). *Dictionary of Biblical Languages with Semantic Domains: Greek (New Testament)* (electronic ed.). Oak Harbor: Logos Research Systems, Inc.

⁷⁶ HENDRIKSEN, William. *Efésios e Filipenses*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2005, p. 438.

na igreja.⁷⁷ Estes não eram falsos mestres, porque Paulo disse que pregavam a Cristo. Ele se alegrou com a mensagem que pregavam, mas estava magoado com a maneira como pregavam. Eles pregavam cheios de inveja e partidarismo.⁷⁸ Eles pregavam a Cristo com seis motivações erradas: inveja, porfia, discórdia, insinceridade, a fim de suscitar tribulação e pretexto (Fp 1.15-18).

Primeira motivação errada: “inveja” - “... Alguns, efetivamente, proclamam a Cristo por inveja e porfia” (Fp 1.15).

A palavra “inveja” (*phthonos, em grego*) refere-se não apenas querer o que alguém tem, mas realmente desejar o mal à pessoa.⁷⁹ Observe que esses pregadores não são falsos profetas ou apóstatas. Não, eles são verdadeiros irmãos em Cristo, que tinham a mensagem certa (o evangelho), mas pregavam com motivos errados. Sua mensagem era boa, os motivos ruins, e seus métodos questionáveis.

Segunda motivação errada: “porfia” - “... Alguns, efetivamente, proclamam a Cristo por inveja e porfia” (Fp 1.15).

Eles não eram apenas invejosos, Paulo acrescenta que eles eram briguentos. A palavra “porfia” (*eris, em grego*) significa “contenda”, “discórdia”, “dissensão”.⁸⁰ A inveja é uma emoção interna, enquanto a porfia, uma expressão externa. Eles estavam com ciúmes de Paulo e egoisticamente procuravam promover seus próprios ministérios.

Terceira motivação errada: “contenda” - “Aqueles, contudo, pregam a Cristo, por discórdia... (Fp 1.17).

A palavra “discórdia” (*eritheia, em grego*) significa “disputa”, “ambição egoísta”. Uma palavra que era utilizada por profissionais de carreira que impiedosamente tentavam subir ao topo dos seus cargos de qualquer forma, e de políticos que almejavam o cargo a qualquer custo.⁸¹ Ou seja, essas pessoas pregavam por interesses pessoais. Pregavam por seus motivos egoístas. O objetivo desses pregadores era levar as pessoas a segui-los. O objetivo de Paulo era levar as pessoas a seguirem a Cristo.⁸²

⁷⁷ MacArthur, J. F., Jr. (2001). *Philippians* (p. 63–64). Chicago: Moody Press.

⁷⁸ Jeremiah, D. (2016). *Count it all joy: discover a happiness that circumstances cannot change*. Colorado Springs, CO: David C Cook.

⁷⁹ Louw, J. P., & Nida, E. A. (1996). *Greek-English lexicon of the New Testament: based on semantic domains* (electronic ed. of the 2nd edition., Vol. 1, p. 759). New York: United Bible Societies.

⁸⁰ Vine, W. E., Unger, M. F., & White, W., Jr. (1996). *Vine's Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words* (Vol. 2, p. 126). Nashville, TN: T. Nelson.

⁸¹ MacArthur, J. F., Jr. (2001). *Philippians* (p. 67). Chicago: Moody Press.

⁸² Jeremiah, D. (2016). *Count it all joy: discover a happiness that circumstances cannot change*. Colorado Springs, CO: David C Cook.

Quarta motivação errada: “insinceridade” – “Aqueles, contudo, pregam a Cristo... insinceramente...” (Fp 1.17).

O advérbio “insincero” (*ov hagnos, em grego*) significa “impuro”, isto é, com motivos “mistos”.⁸³ Este advérbio está relacionado com o adjetivo *hagnos* (em grego) “puro, casto, imaculado e sem culpa”. Era utilizado em referência ao que era santo e separado para Deus.⁸⁴ Eles não pregavam porque amavam Cristo, mas porque amavam suas próprias reputações.

Quinta motivação errada: “suscitar tribulação” – “Aqueles, contudo, pregam a Cristo, por discórdia, insinceramente, julgando suscitar tribulação às minhas cadeias” (Fp 1.17).

Eles injustamente criticavam e o acusavam maliciosamente a fim de agravar e intensificar a sua aflição. Eles utilizaram a prisão do apóstolo Paulo para desacreditá-lo e para se promover.⁸⁵ A palavra “tribulação” (*thlipsis, em grego*) significa literalmente “pressão, fricção”.⁸⁶ Carrega a imagem vívida e dolorosa das correntes de ferro esfregando (em atrito) contra os braços e as pernas de um prisioneiro. Eles tinham a intenção de agravar a situação do apóstolo Paulo.

Sexta motivação errada: “pretexto” – “Todavia, que importa? Uma vez que Cristo, de qualquer modo, está sendo pregado, quer por pretexto, quer por verdade...” (Fp 1.18).

Eles pregavam por “pretexto” (*prophasis, em grego*). A mesma palavra utilizada em referência aos fariseus que usavam “desculpas para pecar” (Jo 15.22). Eles faziam longas orações, mas exploravam e roubavam as casas das viúvas (Mt 23.14). Este é o termo usado em referência aos marinheiros temerosos que baixaram o bote salva-vidas para sua própria segurança, enquanto fingiam descer as âncoras (At 27.30).⁸⁷

⁸³ Robertson, A. T. (1933). *Word Pictures in the New Testament* (Fp 1.17). Nashville, TN: Broadman Press.

⁸⁴ Gromacki, R. (2002). *Stand United in Joy: An Exposition of Philippians* (p. 56–57). The Woodlands, TX: Kress Christian Publications.

⁸⁵ MacArthur, J. F., Jr. (2001). *Philippians* (p. 67). Chicago: Moody Press.

⁸⁶ Vine, W. E., Unger, M. F., & White, W., Jr. (1996). *Vine's Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words* (Vol. 2, p. 18). Nashville, TN: T. Nelson.

⁸⁷ Gromacki, R. (2002). *Stand United in Joy: An Exposition of Philippians* (p. 57). The Woodlands, TX: Kress Christian Publications.

D. Alguns pregavam o evangelho com a motivação certa

“... outros, porém, o fazem de boa vontade; estes, por amor, sabendo que estou incumbido da defesa do evangelho” (Fp 1.15b-16).

Enquanto alguns crentes pregavam o evangelho por inveja e porfia, outros o faziam de “boa vontade e por amor”. Quatro características deste grupo são enumeradas: de boa vontade, em amor, conheciam a Paulo e pregavam a verdade.

Em primeiro lugar, eles pregavam de “boa vontade” - “*Alguns, efetivamente, proclamam a Cristo por inveja e porfia; outros, porém, o fazem de boa vontade*” (Fp 1.15).

A expressão “boa vontade” (*eudokia, em grego*) significa “bom intento, benevolência”. Este grupo gostava de pregar a Cristo e queria incentivar o apóstolo Paulo. Eles eram simpáticos e gratos por sua fidelidade na proclamação do evangelho e por seu ministério.⁸⁸ O termo “boa vontade” é usado em referência à alegria de Deus ao revelar a verdade aos pequeninos (Mt 11.25-26), ao predestinar os homens (Ef 1.5), divulgar seu propósito redentor aos crentes (Ef 1.9), e para trabalhar na vida dos cristãos (Fp 2.13). Paulo usou a mesma palavra para expressar o desejo do seu coração para a salvação de Israel (Rm 10.1).⁸⁹

Em segundo lugar, eles pregavam em “amor” - “*estes, por amor, sabendo que estou incumbido da defesa do evangelho*” (Fp 1.16).

Aqueles crentes sabiam que Paulo não estava na prisão por causa de qualquer pecado ou infidelidade, mas por causa de sua lealdade para com o Senhor, não porque estava fora da vontade de Deus, mas porque estava no centro da vontade do Altíssimo. Eles sabiam que Paulo fora divinamente nomeado para a defesa do evangelho (cf. Fp 1.7).⁹⁰ Neste contexto, o amor é dirigido basicamente a Paulo. O amor pelos irmãos é um reflexo do amor a Cristo.

Em terceiro lugar, eles pregavam por que sabiam a razão pela qual Paulo estava preso - “*... estou incumbido da defesa do evangelho*” (Fp 1.16).

A palavra “defesa” (*apologia, em grego*) significa “defesa verbal, discurso em defesa”.⁹¹ Sua prisão em Roma não era um acidente do destino, nem principalmente, a decisão dos homens, nem mesmo da decisão de Paulo de apelar para César (At 25.11).⁹² Acima de tudo, era uma parte integrante da sua missão

⁸⁸ MacArthur, J. F., Jr. (2001). *Philippians* (p. 66). Chicago: Moody Press.

⁸⁹ Gromacki, R. (2002). *Stand United in Joy: An Exposition of Philippians* (p. 57-58). The Woodlands, TX: Kress Christian Publications.

⁹⁰ MacArthur, J. F., Jr. (2001). *Philippians* (p. 66). Chicago: Moody Press.

⁹¹ Vine, W. E., Unger, M. F., & White, W., Jr. (1996). *Vine's Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words* (Vol. 2, p. 29). Nashville, TN: T. Nelson.

⁹² MacArthur, J. F., Jr. (2001). *Philippians* (p. 67). Chicago: Moody Press.

divina para defender o evangelho. A expressão “*estou incubido*” (*keimai, em grego*) é um termo militar, utilizado de um soldado que estava de serviço como guarda. O apóstolo era um soldado da cruz, com o dever de proteger a mensagem do evangelho nas igrejas, sinagogas e prisões.⁹³

Em quarto lugar, eles pregavam em verdade – “... Uma vez que Cristo, de qualquer modo, está sendo pregado, quer por pretexto, quer por verdade...” (Fp 1.18).

Suas vidas eram transparentes. Tanto o conteúdo quanto a motivação de sua mensagem eram verdadeiras. Nenhum erro foi encontrado no que diziam ou ensinavam. Eles não eram hipócritas, pelo contrário, eles pregavam o evangelho puro e com motivos puros.

E. A reação do apóstolo Paulo

“Todavia, que importa? Uma vez que Cristo, de qualquer modo, está sendo pregado, quer por pretexto, quer por verdade, também com isto me regozijo, sim, sempre me regozijarei” (Fp 1.18).

As primeiras palavras do versículo introduzem o veredicto de Paulo (“Todavia, que importa?”). Independentemente dos motivos (quer por pretexto ou verdade), Paulo poderia se alegrar com o avanço do evangelho, o objetivo mais importante em sua vida.

A Palavra de Deus é sempre poderosa, não importa os motivos de quem a proclama. A última coisa que o profeta Jonas queria que acontecesse era que Nínive se arrependesse diante de sua pregação; mas a mensagem de Deus produziu arrependimento, apesar das intenções erradas no coração do profeta (cf. Jn 4.1-9). Deus sempre honra a Sua Palavra, e Sua Palavra sempre dará frutos. Como declarou o profeta Isaías: “*assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei*” (Is 55.11).⁹⁴

III. O futuro - as crises de Paulo

“Porque estou certo de que isto mesmo, pela vossa súplica e pela provisão do Espírito de Jesus Cristo, me redundará em libertação” (Fp 1.19).

Filipenses 1.19-26 é notável porque foi escrito por um homem em uma prisão romana acorrentado a um soldado 24 horas por dia. Esse texto pode ser chamado de “o Segredo do apóstolo Paulo” porque revela o propósito de sua vida, o que o manteve firme, em curso, mesmo em uma prisão romana.

⁹³ Gromacki, R. (2002). *Stand United in Joy: An Exposition of Philippians* (p. 58). The Woodlands, TX: Kress Christian Publications.

⁹⁴ MacArthur, J. F., Jr. (2001). *Philippians* (p. 68). Chicago: Moody Press.

A. A confiança de Paulo

“Porque estou certo de que isto mesmo, pela vossa súplica e pela provisão do Espírito de Jesus Cristo, me redundará em libertação, segundo a minha ardente expectativa e esperança de que em nada serei envergonhado; antes, com toda a ousadia, como sempre, também agora, será Cristo engrandecido no meu corpo, quer pela vida, quer pela morte” (Fp 1.19–20).

Como Paulo poderia estar tão feliz? Afinal, ele estava preso em Roma à espera do julgamento perante César. De que maneira o apóstolo conseguiu regozijar-se mesmo em meio a tanta reprovação? Filipenses 1.19 indica que Paulo esperava que sua causa fosse vitoriosa: “me redundará em libertação”. Por causa das orações dos seus amigos e da provisão do Espírito Santo de Deus.

“Porque estou certo de que isto mesmo...” (Fp 1.19).

É interessante que a expressão “estou certo” (*oída, em grego*) significa “saber algo com certeza”.⁹⁵ Paulo estava convencido de que seria libertado.⁹⁶ Ele cita diretamente a partir da Septuaginta (a tradução grega do Antigo Testamento), a resposta de Jó ao amigo Sofar: *“Também isto será a minha salvação...” (Jó 13.16)*. Jó entendeu corretamente que seu terrível sofrimento não era um castigo por causa do pecado. Como Jó, Paulo acreditava plenamente que Deus um dia o libertará, tanto de suas aflições físicas quanto das falsas acusações dos seus inimigos.⁹⁷

“Porque estou certo de que isto mesmo, pela vossa súplica e pela provisão do Espírito de Jesus Cristo, me redundará em libertação...” (Fp 1.19).

Paulo declara que depende de duas coisas: 1) As orações de seus amigos, e 2) O trabalho do Espírito Santo em sua vida.

O apóstolo sabia que “muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo” (Tg 5.16b). Assim, ele não apenas orava, mas também incentivava os outros a suplicarem a Deus.

Foi a partir desta mesma prisão que Paulo advertiu aos Efésios: *“Com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos e também por mim; para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, para, com intrepidez, fazer conhecido o mistério do evangelho, pelo qual sou embaixador em cadeias, para que, em Cristo, eu seja ousado para falar, como me cumpre fazê-lo” (Ef 6.18–20)*. Aos Tessalonicenses, ele suplicou: *“Irmãos, orai por nós” (1Ts 5.25)*; e, mais tarde, ele declarou: *“Finalmente, irmãos, orai por nós, para que a palavra do Senhor se propague e seja*

⁹⁵ Kittel, G., Friedrich, G., & Bromiley, G. W. (1985). *Theological Dictionary of the New Testament* (p. 674). Grand Rapids, MI: W.B. Eerdmans.

⁹⁶ Gromacki, R. (2002). *Stand United in Joy: An Exposition of Philippians* (p. 59–60). The Woodlands, TX: Kress Christian Publications.

⁹⁷ MacArthur, J. F., Jr. (2001). *Philippians* (p. 72). Chicago: Moody Press.

glorificada, como também está acontecendo entre vós; e para que sejamos livres dos homens perversos e maus; porque a fé não é de todos” (2Ts 3.1-2). Nada é mais encorajador do que saber que outros crentes estão orando por você.⁹⁸

Como membros da família de Deus, não devemos esquecer-nos de colocar o crescimento espiritual dos outros no topo de nossas listas de oração.⁹⁹ Em tempos difíceis é muito bom saber que alguém está orando por nós.

“... pela vossa súplica e pela provisão do Espírito de Jesus Cristo, me redundará em libertação...” (Fp 1.19).

Paulo não dependia apenas das orações dos santos, mas também da atuação do Espírito Santo em sua vida: “pela provisão do Espírito de Jesus Cristo”. A palavra “provisão” (*epichoregia, em grego*) descreve uma oferta completa e suficiente. Uma palavra que deu origem à palavra “coral”.¹⁰⁰ Sempre que uma cidade grega organizava alguma festa especial, alguém precisava bancar os cantores e dançarinos. A doação precisava ser generosa, de modo que o termo adquiriu a conotação de “suprir com generosidade e abundância”.¹⁰¹ Ou seja, Paulo não estava dependendo dos próprios recursos, mas dos recursos generosos de Deus, ministrados pelo Espírito Santo.

“segundo a minha ardente expectativa e esperança de que em nada serei envergonhado; antes, com toda a ousadia, como sempre, também agora, será Cristo engrandecido no meu corpo, quer pela vida, quer pela morte” (Fp 1.20).

Paulo estava certo de que, aos olhos de Deus, ele nunca seria envergonhado, quer perante César, o mundo, ou na igreja. Em última análise, ele seria inocentado. O substantivo “expectativa” (*apokaradokia, em grego*) é uma palavra composta que significa “expectativa ansiosa e persistente”. Nos tempos antigos, era usado para descrever um espectador que se sentava na ponta de sua cadeira e esticava o pescoço para ver o resultado de um evento atlético. Significava assistir ansiosamente, com uma expectativa tensa e ansiosa.¹⁰² Paulo sabia que nunca seria envergonhado.

⁹⁸ MacArthur, J. F., Jr. (2001). *Philippians* (p. 74). Chicago: Moody Press.

⁹⁹ Jeremiah, D. (2016). *Count it all joy: discover a happiness that circumstances cannot change*. Colorado Springs, CO: David C Cook.

¹⁰⁰ Vine, W. E., Unger, M. F., & White, W., Jr. (1996). *Vine's Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words* (Vol. 2, p. 610-611). Nashville, TN: T. Nelson.

¹⁰¹ Wiersbe, W. W. (1996). *The Bible exposition commentary* (Vol. 2, p. 69). Wheaton, IL: Victor Books.

¹⁰² Gromacki, R. (2002). *Stand United in Joy: An Exposition of Philippians* (p. 63). The Woodlands, TX: Kress Christian Publications.

“... também agora, será Cristo engrandecido no meu corpo, quer pela vida, quer pela morte” (Fp 1.20).

O objetivo de Paulo era exaltar a Cristo (Fp 1.20). Mas, de que forma um simples ser humano pode engrandecer o nome do Filho de Deus? Warren Wiesrbe com muita sabedoria declarou: “Considere, por exemplo, as estrelas, muito maiores que o telescópio, mas bem distantes. O telescópio as ‘aproxima’ de nós. O cristão deve ser um telescópio que diminui a distância entre Jesus Cristo e as pessoas. Enquanto o telescópio aproxima o que está distante, o microscópio amplia o que é pequeno. Ao observar o cristão passar por uma experiência de crise, o incrédulo deve ser capaz de enxergar a verdadeira grandeza de Jesus Cristo. O corpo do cristão é uma lente que torna o ‘Cristo pequeno’ dos incrédulos extremamente grande e o ‘Cristo distante’, extremamente próximo”.¹⁰³ Ou seja, a única maneira de uma pessoa não salva “ver” a Cristo hoje é através de um crente.¹⁰⁴ Isso significa que podemos engrandecer a Cristo ou envergonhar o Seu nome com nossas atitudes, palavras e comportamento.

“... quer pela vida, quer pela morte” (Fp 1.20).

Aqui está a chave do sucesso de Paulo: Ele não tinha medo de morrer. Você pode dizer a mesma coisa? De todos os medos que afligem o coração do homem moderno, nenhum é maior do que o medo da morte. No entanto, de alguma forma, Paulo estava livre desse pavor. Para ele, a única coisa que importava é que Cristo fosse engrandecido em sua vida. O momento da morte, para um crente, deve ser um momento de testemunhar da graça salvadora do Senhor Jesus Cristo. Os cristãos devem “morrer bem”.

B. A confissão de Paulo

“Porquanto, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro” (Fp 1.21).

A palavra “lucro” (*kerdos*, em grego) é um termo monetário que significa “ganho, vantagem”. Note que em vez de reclamar sobre a prisão, ele se alegra de que, mesmo em cadeias, ele tem experimentado o poder de Jesus Cristo em sua vida. Paulo sabia que depois da morte, sua vida seria ainda melhor.

Como Paulo foi capaz de dizer tais coisas? Quando um crente morre, ele imediatamente fica livre do sofrimento e vai diretamente para a presença de Cristo, onde permanecerá para sempre com o Salvador. Esta é a razão por que Paulo poderia chamar a morte de “lucro”. Quando sabemos quem somos, por que

¹⁰³ Wiesrbe, W. W. (1996). *The Bible exposition commentary* (Vol. 2, p. 69). Wheaton, IL: Victor Books.

¹⁰⁴ Gromacki, R. (2002). *Stand United in Joy: An Exposition of Philippians* (p. 64–65). The Woodlands, TX: Kress Christian Publications.

estamos aqui e para onde vamos, podemos enfrentar com confiança cada dia, e até as dificuldades assumem um novo significado.¹⁰⁵

No entanto, você jamais poderá dizer como o apóstolo Paulo “o morrer é lucro” a menos que você diga “o viver é Cristo”. Você já fez isso? Você vive para Cristo?

C. O conflito de Paulo

“Entretanto, se o viver na carne traz fruto para o meu trabalho, já não sei o que hei de escolher. Ora, de um e outro lado, estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor” (Fp 1.22-23).

Algumas pessoas querem morrer porque odeiam a vida. Paulo estava pronto e disposto a morrer, porque contemplava a vida com Cristo no céu. Para ele, a morte seria como um navio que, depois de levantar âncora, navegava em direção a um novo destino. Seria como um exército levantando acampamento e se mudando para um novo local. Paulo compreendeu que a morte cristã é nada mais do que uma mudança de endereço.

Ele desejava estar com o Senhor, mas se fosse a vontade de Deus permanecer na carne, ele também se alegraria. Ele sabia que significava mais trabalho frutífero para a glória de Deus. Em outras palavras, Paulo considerava a vida e a morte igualmente desejáveis.

“Entretanto, se o viver na carne traz fruto para o meu trabalho...” (Fp 1.22).

O “fruto do meu trabalho” incluía a salvação dos pecadores, a edificação dos santos, o estabelecimento de igrejas, a formação de novos líderes, e a escrita da Palavra inspirada. Embora estivesse em idade avançada e exausto depois de três viagens missionárias e prisões, Paulo reivindicou a promessa: *“Na velhice darão ainda frutos, serão cheios de seiva e de verdor” (Sl 92.14).*¹⁰⁶

“... estou constrangido...” (Fp 1.23)

A palavra “constrangido” (*Sunechō*, em grego) significa literalmente “pressionar por todos os lados”, “cercar”.¹⁰⁷ Lucas usou a palavra para descrever a multidão na Galileia que pressionava o Senhor Jesus (Lc 8.45), e da advertência do

¹⁰⁵ Jeremiah, D. (2016). *Count it all joy: discover a happiness that circumstances cannot change*. Colorado Springs, CO: David C Cook.

¹⁰⁶ Gromacki, R. (2002). *Stand United in Joy: An Exposition of Philippians* (p. 69). The Woodlands, TX: Kress Christian Publications.

¹⁰⁷ Vine, W. E., Unger, M. F., & White, W., Jr. (1996). *Vine's Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words* (Vol. 2, p. 27). Nashville, TN: T. Nelson.

Senhor: *“Pois sobre ti virão dias em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras e, por todos os lados, te apertarão o cerco” (Lc 19.43).*¹⁰⁸ Os “dois” constrangimentos que pressionavam o apóstolo Paulo eram a necessidade de permanecer e o desejo de partir. Ambas as compulsões eram válidas e igualmente fortes.

D. A convicção de Paulo

“Mas, por vossa causa, é mais necessário permanecer na carne” (Fp 1.24).

O apóstolo Paulo sabia que os filipenses ainda precisavam dele. Ele não se considerava indispensável, mas estava convencido de que o seu ministério ainda não estava completo. Ele sabia o que queria fazer, mas também reconhecia o que tinha que fazer.¹⁰⁹

“E, convencido disto, estou certo de que ficarei e permanecerei com todos vós, para o vosso progresso e gozo da fé” (Fp 1.25).

Paulo esperava permanecer e continuar com os filipenses. Ele sabia que o seu regresso ao serviço missionário ativo produziria duas grandes bênçãos para a igreja.

Em primeiro lugar, o progresso da fé

“... estou certo de que ficarei e permanecerei com todos vós...” (Fp 1.25).

Paulo sabia pela convicção indelével do Espírito Santo que seria libertado. A expressão “estou certo” salienta um conhecimento inato. Não havia nenhum vislumbre de esperança. Porém, ele via a prisão e recursos legais do ponto de vista da vontade divina e da necessidade da igreja.

Paulo vivia para os outros. Ele conhecia bem suas necessidades, e sabia que cresceriam espiritualmente através de sua presença com eles. Paulo ansiava por estar com o Senhor, mas, sujeitou sua própria vontade à sua responsabilidade pastoral e optou por viver seus dias na Terra com o objetivo de que outros pudessem conhecer a Cristo.¹¹⁰

Em segundo lugar, o progresso da alegria

A presença de Paulo traria grande alegria. Os filipenses se alegrariam porque aquele que ensinara sobre Cristo estaria com eles novamente. À medida

¹⁰⁸ MacArthur, J. F., Jr. (2001). *Philippians* (p. 78). Chicago: Moody Press.

¹⁰⁹ Gromacki, R. (2002). *Stand United in Joy: An Exposition of Philippians* (p. 72). The Woodlands, TX: Kress Christian Publications.

¹¹⁰ GEORGE, Elizabeth. *Filipenses, experimentando a paz de Deus*. São Paulo: Editora United Press, 2003, p. 43.

que os filipenses amadureciam em sua compreensão de Cristo, sua alegria na fé se aprofundaria e seria encorajada. Esse pensamento é repetido no versículo 26.

“a fim de que aumente, quanto a mim, o motivo de vos gloriardes em Cristo Jesus, pela minha presença, de novo, convosco” (Fp 1.26).

Quando Paulo fosse restaurado, haveria muita alegria por parte dos filipenses. Mas, para ele, tudo se resumia a dois motivos dominantes: viver para que outros cresçam em Cristo e para que Cristo fosse glorificado em sua vida.¹¹¹

Como parar um homem assim? É impossível! Se alguém tentar matá-lo, ele, certamente, vai morrer com um sorriso no rosto. Se o lançarem na prisão, ele vai pregar para os guardas. Se o prenderem por volta da meia-noite, ele vai cantar e orar. Se o expulsarem de uma cidade, ele vai pregar na cidade mais próxima. Se o apedrejarem, ele vai usar as pedras para construir um templo. Nenhuma circunstância, por mais severa que seja, poderia roubar a alegria de Paulo. Nada poderia diminuir seu entusiasmo pelo ministério. Nada poderia impedi-lo de “ser firme, inabalável e sempre abundante na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o trabalho não é vão” (1Co 15.58).¹¹²

CONCLUSÃO:

A vida para Paulo significava, acima de tudo, mais ministério, mais tempo para ensinar e para servir a outros, mais tempo para um trabalho frutífero.¹¹³ A vida é mais do que planejar a aposentadoria, guardar dinheiro ou comprar uma casa no campo. Paulo via cada dia de vida como uma oportunidade para exercer o seu ministério e glorificar a Deus.

Em 1858, um jovem chamado John G. Paton sentiu-se chamado por Deus a deixar o seu ministério, em Glasgow, na Escócia, e servir como missionário nas ilhas Novas Hébridas, no Pacífico Sul. Porém, um cavalheiro idoso advertiu John Paton: “Você vai ser devorado por canibais”.

“Sr. Dickson”, Paton respondeu: “O Senhor está avançado em idade, e em breve será colocado na sepultura e depois devorado pelos vermes; Confesso ao Senhor que, se eu posso viver e morrer servindo a o Senhor Jesus, não fará nenhuma diferença ser devorado por canibais ou por vermes; e no grande dia, o meu corpo ressuscitará tão justo quanto o seu na presença do nosso Redentor”.

Somente uma vida e logo passará. Somente o que é feito para Cristo permanecerá.

¹¹¹ Motyer, J. A. (1984). *The message of Philippians* (p. 91). Downers Grove, IL: InterVarsity Press.

¹¹² MacArthur, J. F., Jr. (2001). *Philippians* (p. 82). Chicago: Moody Press.

¹¹³ GEORGE, Elizabeth. *Filipenses, experimentando a paz de Deus*. São Paulo: Editora United Press, 2003, p. 43.

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

1. Qual era a preocupação de Paulo quanto à vida e quanto à morte?
2. De acordo com Filipenses 1.21, como Paulo encarava a vida e a morte?
3. Conforme Filipenses 1.12, qual a visão do apóstolo Paulo sobre os tempos difíceis?
4. O que Paulo desejava que os Filipenses soubessem sobre sua prisão?
5. Que lição você pode aplicar em sua vida sobre a atitude de Paulo diante do sofrimento e da tribulação?